A MÃE QUE É E A MÃE QUE FAZ

Prof.ª. Ms. Danit Zeava Falbel Pondé

Aos modos do livro natureza humana, ou seja, de frente para trás, que introduzo o pensamento winnicottiano a respeito de sua formulação binária do elemento feminino e elemento masculino, cujo valor clínico se estende da saúde do indivíduo para o valor social deste pensamento, extremamente necessário nos dias de hoje. Há pouco presente num congresso sobre política, escutei a respeito de George Washington, o primeiro presidente dos Estados Unidos. Aos seus feitos militares como líder vitorioso das forças patriotas na guerra da Independência junta-se o reconhecimento como pai da pátria. O título faz honra a sua conduta na presidência da convenção constitucional que lançou as bases da constituição e balizou a fundação de um governo federal, mas que ganha importância não só pelos resultados democráticos, mas também pelos modos em que este processo se deu, pois, a reunião era pautada pela troca entre os pares algo promovido por ele. Assim que passou para história como um dos pais fundadores desta nação. Menos conhecida, ou talvez aquém dos interesses e holofotes políticos atuais, o ato de voluntariamente renunciar ao cargo de comandante chefe das forças armadas, justamente quando acima no pódio do poder. Amado e vitorioso, podia ser tudo e ficar com tudo, mas não o faz. Afinal parafraseando Douglas Murray em seu livro loucura das massas, a maneira pela qual pessoas e movimentos se comportam no momento da vitória pode ser a coisa mais reveladora a respeito deles. O gesto de Washington guardava em seu caráter pessoal o sentido da consistência nos modos democráticos, uma expressão factual do que Winnicott entende ser maturidade emocional.

Disto parto à reflexão do mundo contemporâneo, palco de tantas batalhas identitárias em que as vitórias começam a exigir cabeças como na Revolução Francesa. Não se pode ignorar o vespeiro envolvido no próprio tema deste colóquio, uma vez que até na área científica da antropologia pré-histórica atualmente se questiona a classificação dos esqueletos em homem e mulher na tentativa de abarcar supostos trans existentes na época ou mesmo na busca por um gene cromossicamente específico para comprovar a transexualidade como algo inato.

O pensamento winnicottiano aposta na ideia de desenvolvimento e, portanto, processual. É um postulado universal no qual todo ser humano carrega potencialmente a possibilidade e tem como tarefa individual realizar ao máximo o potencial hereditário da natureza humana. Esta diz respeito a podermos pensar justamente na consistência,

Texto original do autor

ou dito de outro modo, o que coloquialmente pode se chamar de integridade apreendida na atitude de George Washington. Trata-se de alcançar a maturidade de quando os atos guardam o sentido pessoal e são realizações pessoais disponibilizadas como contribuições a sociedade. Este sendo um quadro de saúde oposto a de tantos outros comportamentos em que se observa o esforço existencial ou mesmo de marketing existencial na ordem da sobrevivência.

Para Winnicott então, o que está sendo dito em termos de maturidade e sinonimamente saúde, é resultado de um desenvolvimento em que primeiramente o seguir sendo (going on being) dos modos incipientes iniciais do bebê alcance o ser unitário. À integração corresponde a constituição gradual do mundo subjetivo ao qual Winnicott associou ao elemento feminino. O ser que significa processo e resultado na conquista do senso de realidade, o senso de consciência de um si mesmo existente e de ter um interior. Em seguida, desta posição reconhecendo-se quanto um eu sou distinto do outro, vem a possibilidade de exercitar, assumir e responsabilizar-se pelos impulsos instintivos nas relações interpessoais e chegar a responsabilidade por seus atos, um fazer correspondente ao elemento masculino.

Destaca-se que em primeiro lugar saúde lida pelo critério do amadurecimento fala do vetor destas duas conquistas, primeiro o ser e depois o fazer. O fazer anterior ao ser, seria um fazer destituído de sentido pessoal, um fazer sem raiz e sem bússola própria, portanto um mimetismo voltado a satisfação de critérios externos requeridos no trânsito social. Na clínica, identifico numa paciente mãe que seu fazer envolve um exemplo disto. Se põe num ter que brincar com a filha quando esta quer, também se propõe a estudar juntas mesmo quando perceptivelmente ambas não retiram algum prazer nisto e ela tem que ficar forçando a filha a estudar. Aliás, no caso, puxar a filha pra crescer e rápido encontrou expressão concreta por sempre comprar para ela um sapatinho muito maior do que o pé da menina, um desconforto desconsiderado diante da ideia de economia e futuro. Assim como não consegue se guiar pelo próprio desconforto tampouco consegue enxergar isto na filha. Não consegue dizer não por ecos de culpa tanto por não estar disponível e por não encontrar em si mesma a disposição, assim segue de um modo submetido e transmitindo inconscientemente a submissão. Na linha histórica refere-se a própria mãe como infeliz por haver ocupado na família o papel de "gata borralheira", cuidando dos irmãozinhos, casando-se por arranjo familiar e sempre reclamando por sentir-se desvalorizada na família.

Texto original do autor

Igualmente patológico de um fazer descolado do ser, seria verificável por exemplo em alguém que mergulhado no seu mundo subjetivo, num modo defensivo e onipotente, não consegue alcançar e realizar-se junto a realidade compartilhada. Tudo pode acontecer, mas na fantasia e não na vida real. Assim que, num segundo ponto, saúde emana da associação existente entre estes elementos feminino do being e masculino do doing, de modo que um sem o outro signifique a patologia. Portanto na saúde dentro desta abordagem desenvolvimentista, Winnicott afirmava que a despeito do fato de homens e mulheres não serem exatamente iguais cada homem tem um elemento feminino assim como cada mulher tem um elemento masculino.

Deparo-me cada vez mais pensando sobre todo um movimento atual no qual existe um apagamento, quiçá uma negação inconsciente, mas que tem a ver com a não consideração da história. Na política, apagar o passado é de suma importância pois assim pode-se permitir conchavos, tornar elegível o candidato, e mudar de posições como se muda de marca de desodorante. No marketing, até séries da Netflix estrategicamente renovam os títulos de séries e colocam como primeira temporada para evitar a certa preguiça de seus usuários em começar pelo começo da história, a real primeira temporada. Os personagens também ficam sem história. Na cultura, talvez um dos lugares onde mais isto aparece, a revolução sempre está adiante da tradição, é uma oposição daquilo que se considera sempre conservador. História é tomada como um a priori antigo, um tradicional a ser rompido, interrompido e modificado. Pouco da condição da natureza humana é levada em consideração diante de tais movimentos.

Na psicologia a tentativa pragmática de algumas vertentes fala do aqui e agora o que subsidia os mantras comportamentais, psiquiátricos também, e o marketing piramidal do coaching. Para alguns pacientes o passado não interessa nem um pouco, e nem a eles podem recorrer como forma de entender-se. Falar do passado parece para eles não ter algum sentido, o importante é funcionar. O que importa é o presente, e sem história e sem sentido, o paciente sucumbe e sofre pelo fracasso autorreferente na prosperidade, funcionalidade e assim por diante. No fluxo da busca de funcionalidade encontram respaldo no largo espectro deste tipo de ajuda e auto ajuda. É importante frisar que para muitos pais a ideia de ambiente ou de falha ambiental é totalmente aversiva, vide o exemplo do espectro autista ganhando contornos identitários. Assim que o inato, o sem história e sem necessidade de auto reflexão, acaba sendo confortável e um modo de isenção da responsabilidade sancionada. Daí o sucesso atual. Vemos

Texto original do autor

então aqui todo um sintoma patológico disseminado pela dissociação entre os elementos femininos e o masculino.

No contrafluxo deste movimento, Winnicott afirma a importância do ambiente. Seja quem for que veio e está neste mundo, veio de uma mulher, e está na maioria das vezes é a mãe. No par, a mãe ou cuidador substituto é coadjuvante essencial na provisão das condições suficientemente boas para o desenvolvimento saudável do bebê protagonista desta história. Entre outras tarefas, isto significa acompanhá-lo e facilitar nesta continuidade de seguir sendo, chegar ao ser e depois ao fazer. Esta qualidade na maternagem apoia-se na possibilidade de identificação da mãe com seu bebê e no fato de poder relaxar a despeito das inúmeras tarefas, o cansaço, as dúvidas , os medos e as vizinhas e suas opiniões que hoje chegam às enxurradas via rede social. No mais, acirradas também pelos usos cada vez mais paranoides, diga-se mais promovidamente paranoides estimulados pela ciência diante da qual sucumbem à uma submissão, como profeticamente adiantado por Winnicott, cito, "Os médicos tornaram muito difícil para as mães começarem bem essa função, uma das mais importantes desempenhadas por elas. Na maioria das vezes é muito difícil para uma mulher, ao preparar-se para dar à luz, ter certeza de que ela terá a liberdade de entender-se com o bebê à sua maneira, que é também a maneira do bebê" (Winnicott, 1948, 2021 p. 311). Num caso de minha clínica, mãe e paciente foram totalmente invadidas por conta do "ter que" na amamentação exigido pela equipe de enfermagem no hospital. A bebê prematura dormia e não acordava para mamar apesar de algumas tentativas sutis maternas diante das exigências. As enfermeiras tomando para si a função, passaram a ação: tiraram toda a roupa para ela passar frio, beliscaram, jogaram uma luz forte no rosto dela. A mãe por sua vez, com suas próprias dificuldades, sentia-se impotente, angustiada e paralisada diante do quadro, assim não pode proteger a si mesma e a filha das interferências. A bebê acordou desesperada de susto, iniciando um padrão reativo que se perpetuou doravante. Guardo para mim a ideia de que até hoje não acordou. A isto me refiro que ainda não teve a oportunidade de que seu gesto espontâneo pudesse acontecer e encontrar o objeto subjetivo, uma vez que a mãe sempre muito preocupada em acertar não estava lá disponível para ser encontrada. Por não encontrar um seio ou uma qualidade de cuidado de uma mãe que é, a bebê teve que se desenvolver com a capacidade de ser mutilada. A saber, esta mãe havia sido criada por uma mãe esquizofrênica restando afetivamente apenas o apoio paterno ao que lhe permitiu uma organização defensiva apenas funcional.

Texto original do autor

Assim que para saber sobre o bebê, criança, jovem ou o indivíduo já adulto que nos chega como paciente precisamos saber sobre a sua história, e esta refere-se ao como foi cuidado. Estes modos de cuidar estão diretamente associados as condições maturacionais desta mãe, uma vez reconhecendo-se que o padrão de saúde mental foi desde o inicio estabelecido pela capacidade adaptativa desta mulher que "fez de modo satisfatório aquilo que tinha que fazer". Este fazer então está contextualizado nos marcos da absoluta dependência inicial no qual a mãe empresta-se como ego auxiliar por identificar-se com o bebê, lê as necessidades do filho e se põe a atende-lo. Neste contexto o amor que a mãe sente traduz-se no holding que é necessariamente expresso fisicamente, mas de forma nenhuma algo reduzido a ordem técnica. Deparo-me na clínica com outra mãe cuja dissociação e sobrevivendo numa organização de autossustentação apoiava-se no latejar em sua mente da ideia "eu tenho que ser perfeita". Assim sempre se punha a fazer o que era correto dos manuais pediátricos em detrimento de escutar-se a si mesma ou ao bebê. Preocupava-se em acertar, por isso impedia ou calava suas próprias intuições e percepções. Em oposição a este caso, o conceito de holding é um fornecimento de um segurar, alimentar e manejar sensível posto que parte do princípio de que o bebê já é alguém. Este alguém diferente dela, é uma pessoa, ainda que totalmente dependente. E nesta situação é ela a única que pode compreender e legitimar isto, pois o bebê ainda encontra-se num não saber de si. A criação satisfatória como concebida pelo autor distam em modos e expectativas da linearidade condicionadora de alguém dando forma a um pote de cerâmica.

Aqui chegamos no ponto de entender o que separei didaticamente como a mãe que é e a mãe que faz. A ideia foi ressaltar justamente que na saúde da mãe reside o embrião da saúde do filho, e por assim dizer, a amplitude que este no futuro alcançará como indivíduo responsável e participativo no mundo. Portanto a associação na mãe entre os elementos femininos e masculinos é imprescindível ao longo do acompanhamento ativamente adaptativo da mãe nos marcos da linha temporal do amadurecimento. Num transcurso em que estes elementos importam em seus pesos e contrapesos a depender do contexto maturacional, a exemplo do que envolve no inicio de vida as sutilezas da amamentação. Nesta situação a capacidade adaptativa da mãe, a despeito da habilidade de alimentar satisfatoriamente o bebê, o que está em jogo é um modo de fazê-lo sem afogá-lo por "violar a função de ego" do bebê. Ou seja, impor-se ativamente quanto expressão do elemento masculino no amamentar. Por ser assintônico às necessidades e movimentos do bebê, pode fazer do leite um veneno. (caso de G).

Texto original do autor

. Voltando ao tema da história, a história de um paciente não começa com sua mãe, mas vai ainda mais para trás, com a história da mãe da mãe, pois trata-se de entender a qualidade de cuidado que esta mãe recebeu. Percebemos então e assim podemos remeter a história transgeracional também. Em cada mulher, como afirma Winnicott, encontramos o fenômeno destacado da MULHER, aquela que nos primórdios de vida não se reconhece como alguém, porque cada homem ou mulher quando bebê esteve a ela misturado. Neste sentido, esta mulher guarda em si 3 mulheres, a bebê que foi um dia e os modos em cuidado que recebeu, a mãe que é ou que pode ser, e a avó que teve e será para as gerações futuras. Esta é uma linha de continuidade pessoal e geracional. Remete ao ascendente e descendente. Quando tratamos de um paciente encontramos as dificuldades transmitidas desta forma nos fenômenos tais como na depressão pós parto materna. Grosso modo, é difícil dar o que não se recebeu. Poder identificar-se com o seu bebê tem um ponto de partida que começa na mãe da mãe, existe uma fonte anterior. Ainda que também leva-se em consideração o contexto da história pessoal e os múltiplos fatores do presente que afetam a saúde emocional do paciente. A ideia do passado é importante, primeiramente porque vai contra o peso sentido por muitos pacientes de que seu "mal estar" ou "mal ser" é fruto de geração espontânea e, portanto, pode se "curar" a partir de si mesmo. Para isto, basta, como afirma a psicologia positiva, entre outras ciências migrar espontaneamente para um acreditar em si mesmo independentemente do outro, do ambiente, da sociedade. No entanto, na vida real, dependência é um fato se não tão claro no meio quando saudável e jovem, muito mais evidenciado nas pontas do início e do fim da vida ou quando doentes. Em segundo lugar, a não história transmite nas entrelinhas a ideia de que o mundo começa com cada pessoa que nasce e que não estamos inscritos dentro de uma linha temporal dentro da própria história civilizatória do ser humano, e disto decorre tanto os malefícios da insegurança, da descontinuidade e falta de esperança com o qual nos debatemos atualmente.

Texto original do autor